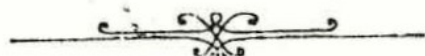




.134.3-5Veloso,F

RODRIGO VELLOSO

Aspectos da Vida



LISBOA

Livraria Classica Editora A. M. Teixeira & C.^{ta}

20, Praça dos Restauradores, 20

DEPOSITARIA

1913



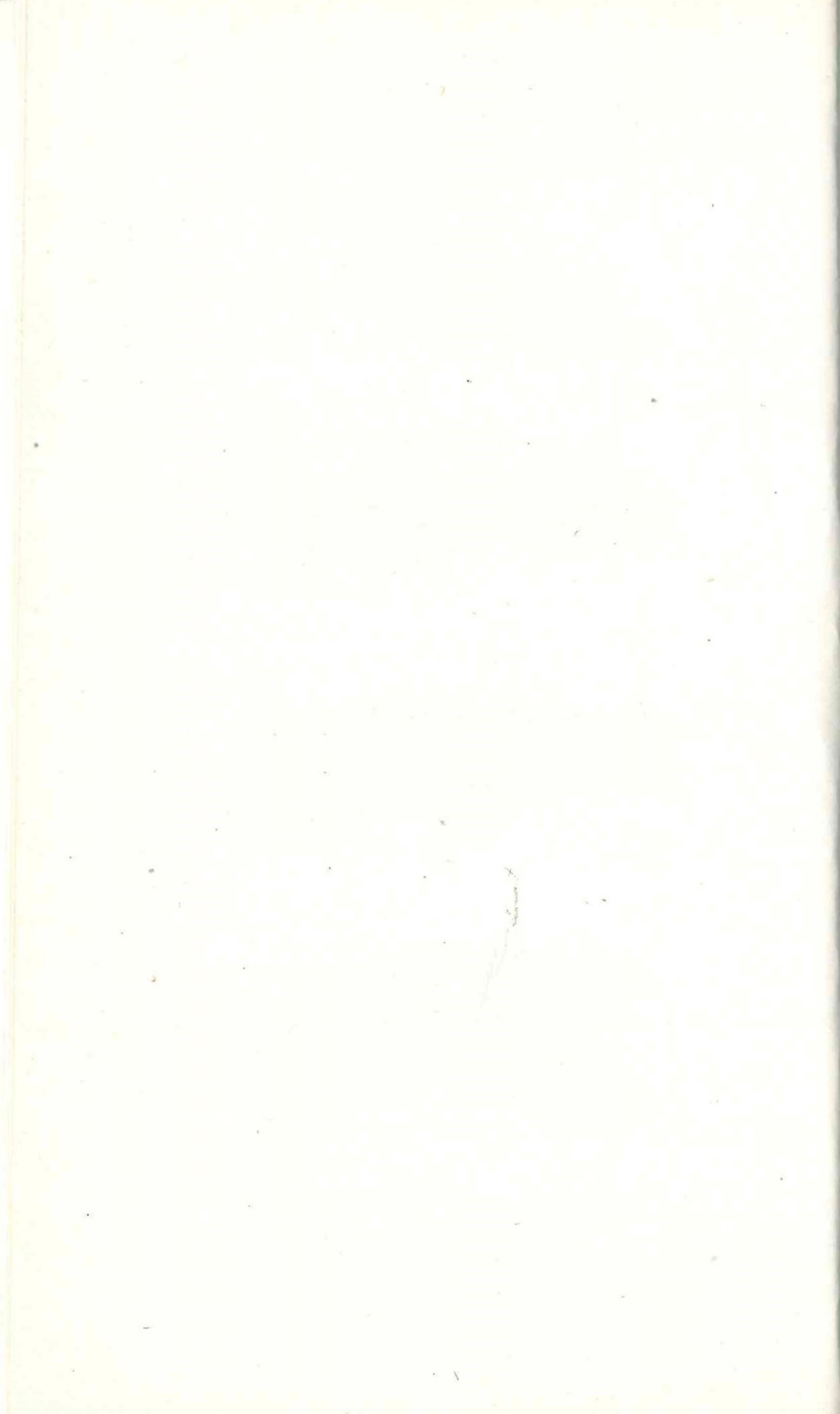
Lower

12.12.1900



ASPECTOS DA VIDA





Ao Ex.^{mo} Senhor

José de Beça e Menezes

*Mente cultissima, abraçando todos os grandes ideaes, coração aberto a todas as magoas, compartilhando-as e mitigando-as, Messenas das belas-
artes, o mais democrata dos fidalgos e o mais fidalgo dos democratas, caracter nobilissimo.*

EX.^{MO} E MEU MUITO PRESADO
E RESPEITADO AMIGO

Sem previa consulta a V. Ex.^a, e por tanto sem sua expressa auctorisação para o fazer, venho dedicar-lhe êste livro em que pus e deixo, como adiante o expinho, parte da minha alma, como que profissão de fé dela.

Relevar-me-há V. Ex.^a a falta que assim perpetro, que é gran-

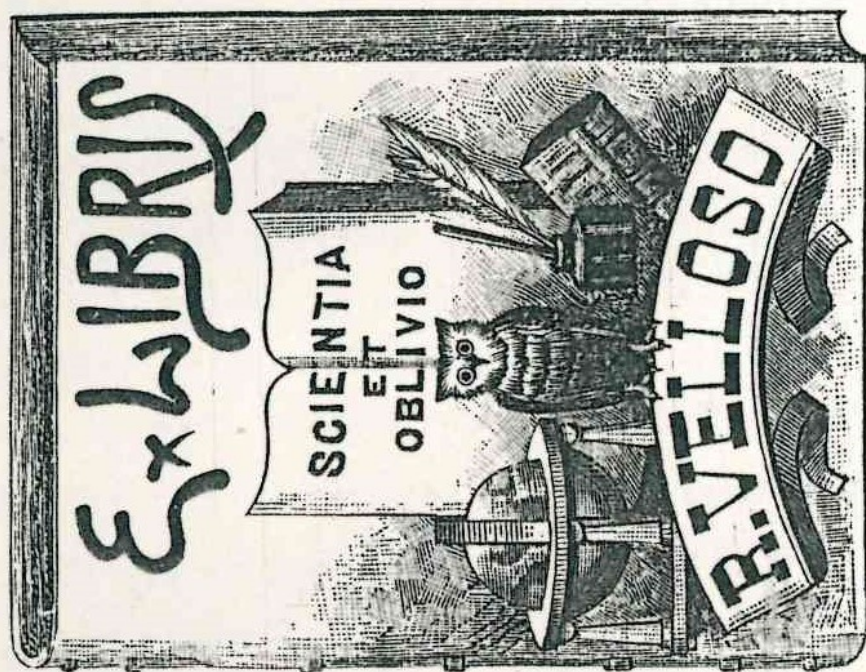
Às Amas Jov' de Pires e Hermanos

o seu muito e dedicado amigo,
devo obrigado e dedicado amigo e amigo de
sua

Linha 22 de abril

de 1913

Rodrigo Velloso



Editor Rodrigo Velloso

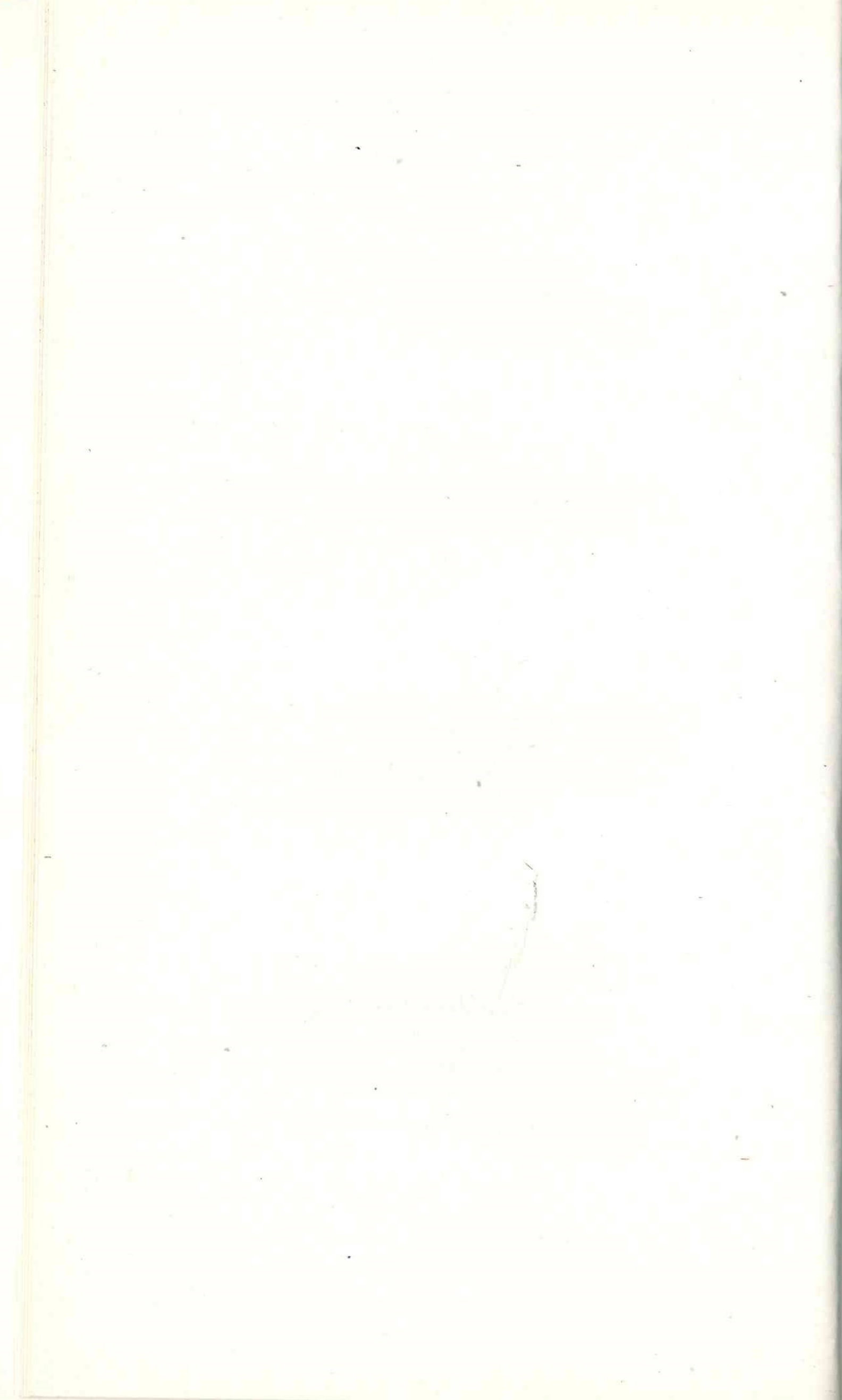
TIPOGRAFIA MINERVA

DE

Gaspar Pinto de Sousa & Irmão

FAMALICÃO

4





ENTRE o tanto que tenho escrito ou, antes e melhor, rabiscado para o publico, durante meu já tão longo perigrinar nêste vale de miserias, verdadeiros trabalhos quasi que em vão, de que bem minguada a utilidade, e tam só para mim, que outra não tem sido que a de satisfazer a um impulso decisivo e irresistivel de meu espirito, a cujas imposições, no caso, inteiramente dobrada e sujeita a vontade; e especialmente no que hei garatujado nêste derradeiro e desconsolador quartel da existencia, em cousa alguma de tudo isso, tenho posto tantissimo do meu ser, de minha idiosincrasia, como em alguns dos capitulos que constituem êstes modestissimos *Aspectos da Vida*.

5

como que fibras do meu coração e da minha alma, podendo dizer-se que ficarão êles sendo, em sua curta vida, se alguma tiverem, como que a minha profissão de fé, não sossobrada e antes cada vez mais viva, apesar dos tam descaroaveis embates, da tremendissima crise, por demais avêssa; a todas as crenças, que estamos atravessando.

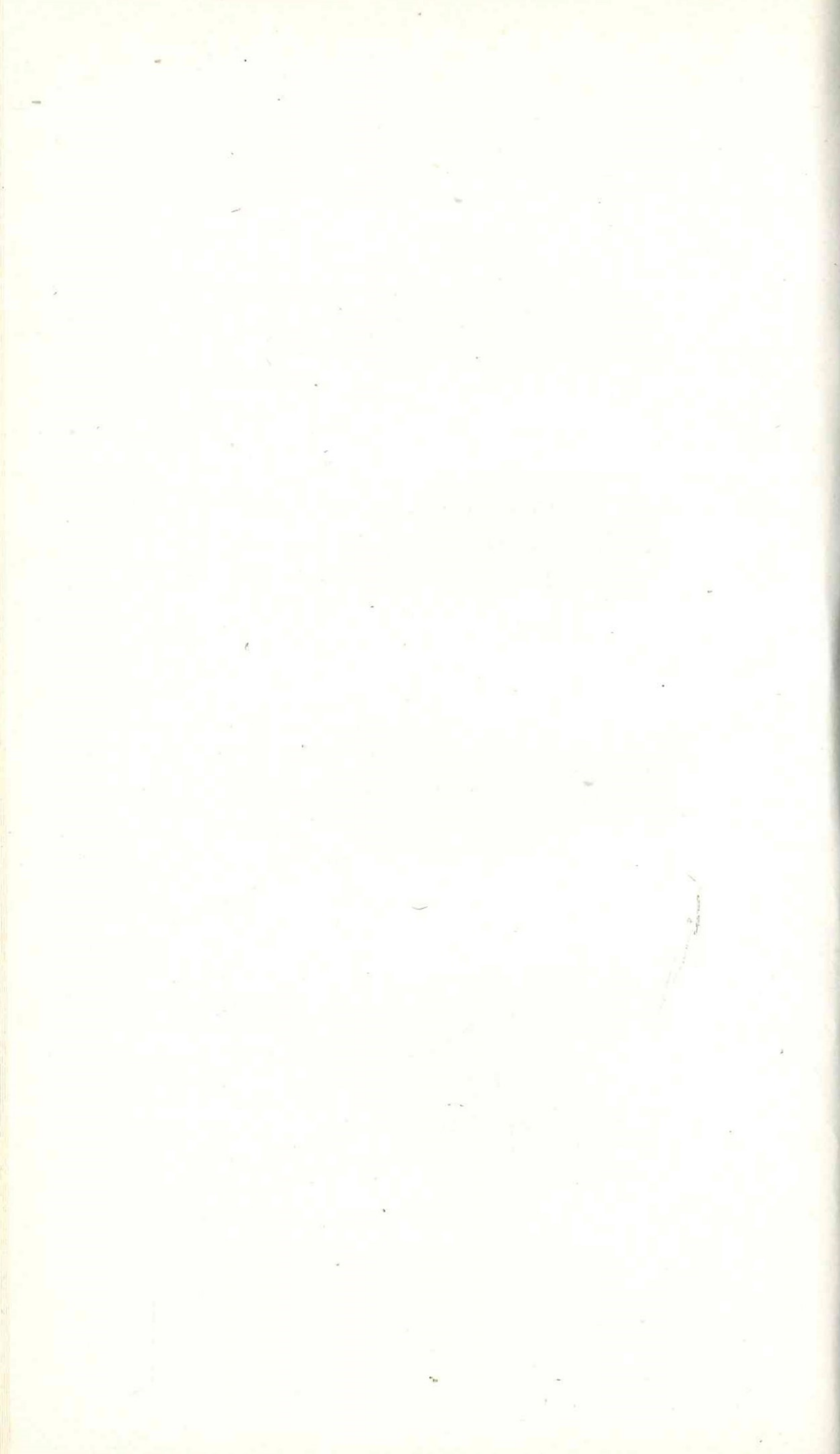
RODRIGO VELLOSO.

7

Em todos os outros meus escritos não hei intencionado mais do que o registar impressões colhidas no decorrer dos sucessos que se vão desenrolando ante meus olhos, ou traduzir meu modo de sentir e vêr sobre alguns dos multiplices aspectos que reveste e apresenta a vida social, e o trato a que nela trazido pela força das cousas, sem consulta nem alvedrio nosso, ou ainda o prestar o culto da minha consideração, admiração ou respeito a quem bem me parece merecel-os por actos pre-conisaveis de sua existencia.

Nêstes *Aspectos*, porém, se não em todos, em um ou outro, exhibo alguns de meus mais vee-mentes anelos, de minhas mais intimas e radicadas crenças,







A velhice e o «Elogio da velhice» por Mantegazza

Em quanto novo, apesar de saber pelo discretear dos entendidos que o *De senectute*, «Da velhice», de Cicero era por ventura a primacial de suas obras, todas aliás de subidissima valia, jámais me moveu e levou a vontade a lê-la, e sómente o fiz depois de chegado e já entrado á e na velhice. E' que esta só nos lembria e nos prende e inquieta a atenção, pelo que propriamente nos respeita, quando já nos aperta em seus braços, que só descerrará para nos deixar resvalar no tumulto. Foi-me e leitura, então, do *De senectute* um verdadeiro enleio e um ininterrupto encantamento, como já o escrevi a êsse proposito, mas fóra e além disso e dos motivos que com ela colhi para redobramento e acendramento de minha tão intensa admiração pelo peregrino talento do autor de tantas obras primas, onra e eterna gloria da humanidade, nenhum alivio auferi de a fazer, que os anos continuaram a pe-

9

sar-me e enrejar-me, pouco ou nada diminuindo no meu espirito o conceito nêle formado pelo dizer de Chateaubriand, e pelo proprio sentir, de que «a velhice é o mais chegado parente,—e isto sob todos os aspectos—, da morte».

Passado algum tempo sobre o que deixo lembrado veio a lume, em Lisboa, editado pela recém-extinta Livraria Viuva Tavares Cardoso, em tradução do sr. Joaquim Leitão, o *Elogio da velhice* de Mantegazza, que, naturalmente, deveria despertar-me e obrigar-me a atenção, e convidar-me á sua leitura, mas, se tal succedeu, e a despeito ainda do fervoroso culto que desde muito já votava ao ilustre escritor italiano, por seu formosissimo talento tam comprovado em longa serie de excelentes livros, não me abalancei, não ousei estudar sua lição, receioso de mais fundo cavar o desengano e desilusão que para minhas esperanças colhera da obra imortal do imortal tusculano.

Ultimamente, porém, excitamento e incitamento do meu espirito, a tal respeito, apoiados pela vontade, forçaram-me a haver á mão o *Elogio da velhice*, e a começar, seguidamente, a percorrer-lhe as primeiras paginas, que o mesmo foi que deixar-me enlevar delas pelo estilo e ainda pelas iriadas e nitidamente formuladas promessas do convencimento da verdade do titulo dado ao livro, a ponto de ir entrando comigo a confiança de que algo de tranquilizador co-

lheria dêste para menos dolorosamente encarar os tantos anos que conto e o melhor possível levar a cabo os que ainda haja de viver.

Nêste presuposto e doce enleio, cheguei á pajina 18.^a e aí,— ai de mim!—li os seguintes periodos, immediatos acs em que Mantegazza refere que os seus amigos, a quem êle comunicára a deliberação que havia formado de escrever o *Elogio da velhice*, não tomaram o caso a sério e o meteram á bulha:

«E não consegui persuadir um só de meus amigos de que o meu livro era um livro sério que, sem ironia, elojaria a velhice.

«Quem sabe quantos, depois de o lêr ⁽¹⁾ não tiveram de mudar de opinião, quem sabe quantos não se arrependeram do erro!

«Escrevi este livro para mim e para todos aquêles que tendo mais de sessenta anos, mais de cincoenta mil liras ⁽²⁾ de renda e uma boa saude, não são felizes pela simples razão de serem velhos.»

Os dois primeiros periodos alvoroçaram-me doce, mas tam rapida e momentanea-

(1) Aliás «lêrem», havendo por certo o «lêr» passado inadvertidamente á revisão na tradução do sr. Joaquim Leitão, da qual extraídos os periodos transcritos.

(2) Dez contos de réis.

mente que só deram lugar, levantando-me em suas azas, a que maior fosse a queda e baque a que me arrastou o terceiro, em que não póde deixar de haver-se como resumido o pensar e afirmar de Mantegazza sobre e quanto á felicidade que os velhos podem alcançar e disfrutar nêste mundo, apesar de velhos, sendo-lhes, porém, para isso indispensavel que tenham «boa saude e cincoenta mil liras de renda»...

E lá se foi pela agua abaixo, em que tombado, mais um castelo no ar, cuja construção a fantasia começára e gostosamente ia seguindo com os materiaes que Mantegazza lhe fornecia!...

«Uma boa saude»?!! Mas quantos são os omens a quem é dado transpôr os sessenta anos, e seguir além, com uma boa saude? Não é por ventura dessa idade em diante que mais se ameudam e mais cruelmente se sentem as arremetidas de molestias anteriores, e que novos achaques vão depauperando e gastando o organismo, já tam minguido de forças, e não podendo reagir valente e vitoriosamente? Bem poucos por certo e nêsse numero não posso contar-me...

«Cincoenta mil liras de renda»?!! Quantas as pessoas, quer velhas quer moças, que gozarão de um tal rendimento? Diminutissimas, e a seu limitado conjunto, e a perder de vista, — ai de mim! — estranho e alheio sou...

E se poucos, uns e outros, quer os velhos de boa saude quer os velhos ricos, muito inferior ao numero dêles o dos velhos que em si conjugam boa saude com a riqueza.

Para pouquissimos anciões, pois, escreveu Mantegazza o seu livro *Elogio da velhice*, e a pouquissimos d'entre os velhos aproveitaveis serão seus ensinamentos e consolações, que só tendem e miram a desvanecer as apreensões que os muitos anos naturalmente comsigo importam e motivam, combatendo-as com as forças ainda vivas do corpo e os calores vivificantes da bolsa, proporcionadores de todas as comodidades.

Assim a lição do *Elogio da velhice*, se lata sua difusão, como é bem para crêr, pelas elevadas qualidades de escritor que enaltecem Mantegazza e pela sugestão que seu titulo levará ao animo dos velhos, fará mais infelizes do que felizes, e as previsões de Mantegazza formuladas no segundo dos periodos atrás trasladados saír-lhes-hão, pela maior parte, erradas, que essa lição em vez de levar alivios e consolações ao espirito do grande, do maior numero dos velhos, só lhes trará desilusões e desenganos, e com êstes novos tormentos a acrescentar ao que já sofrem, acabando por atrofiar-lhes os derradeiros assômos da esperanza, das tres virtudes teologaes a mais, e talvez a unica verdadeiramente umana, e a ultima que desampara o omem...



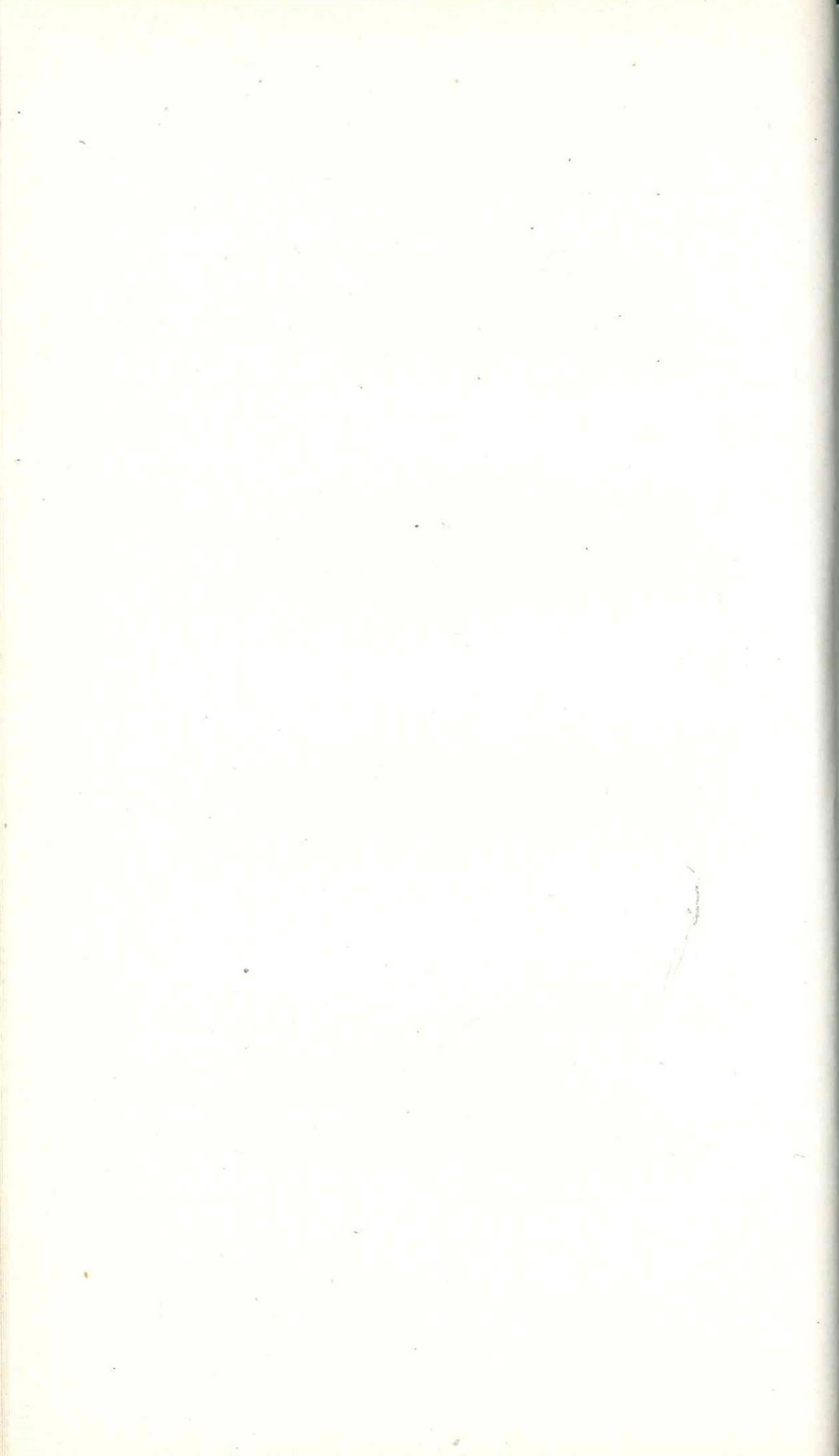


A Dôr

Escreveu alguém que «a unica cousa que há certa neste mundo é a dôr», e jámais foi afirmada verdade igual, tam incontroversa e incontestavel.

Começa a dôr para o omem com o seu primeiro vajido, ao nascer, e apenas termina com seu derradeiro soluço ao morrer, sendo-lhe companheira constante e inseparavel durante todo o correr da eistencia, quasi que não se afastando do seu lado, e sendo pouquissimos não digo os dias mas os momentos em que ela nos deixa inteiramente indemnes de suas incessantes arremetidas.

Nestas reveste ela as mais variadas feições, e corre e marca toda a gama do sofrer, tanto para o fisico como para o moral, desde a produzida pela mais leve e simples alfinetada e pelo mais passageiro aperto do coração, até as mais excruciantes e intensivas e cruelmente flajeladoras do corpo ou do espirito,



Houve um califa em Espanha, durante o longo dominio que nela eiserceram os arabes, não me lembra agora se em Cordova, se em Granada, os dous centros, então, aí, do poder, da civilização pela ciencia e pelas artes, da riqueza e da gloria, que podia e devia ser considerado, sob todos os pontos de vista, como o omem mais feliz da sua epoca, a quem perguntaram no declinar da eistencia «quantos, ao todo, os dias desta que poderiam ser julgados por êle inteiramente felizes?» Depois de por algum tempo meditar respondeu: «Talvez tres ao todo, se tantos, somadas todas as oras em que verdadeiramente fui feliz»...

Nêste facto istórico, ou simples anédota, o que para o caso pouco importa, pois que de ambos os modos traduz indubitavel verdade, está bem definido e assinalado o que é a felicidade sobre a terra, rapido e fujitivo clarão de instantaneo relampago, sempre seguido de demorado ribombar do trovão da dôr.

E' o que a preceito rejista o ditado francès *Pour un plaisir, mille douleurs* — «A um prazer, mil dôres».

Sem que eu comungue inteiramente nas doutrinas filosoficas quer de Schopenhauer quer de Hartman, não posso deixar de reconhecer e confessar que há nelas muito de verdade, e que bem pôde como êles dizer-se que «a dôr é a propria essencia da nossa eistencia e que não desaparece se-

não com esta», e bem assim «que maior se torna a *dôr* e mais avassaladoramente domina e atormenta o homem, quanto mais adiantada é a civilização em que elle vive, quanto mais refinados e requintados são seu saber e seu sentir».

E debaixo dos pontos de vista em que elles ambos se collocam, e que em seu fundo são também, em verdade, a expressão do que nos é e vale a vida, ainda mais longe se poderá ir do que o califa atrás aludido, afirmando-se que o que se chama prazer não tem senão uma bem efemera e passageira e rapida existencia, com que quasi se não póde contar, pois que sendo a satisfação de um desejo, obtida esta logo nasce outro, que constitue uma nova *dôr* e assim sucessivamente.

Mantegazza, o eminente prosador italiano, entre os tantos livros, todos elles da maior e mais incontestada valia, com que tanto onrou as ciencias, a sua patria e seu proprio nome, tornando-o um dos mais conhecidos e aureolados da actualidade, escreveu um intitulado *A fisiologia da dôr*, e expondo e comentando nelle com o seu sagacissimo e usual criterio os multiplices modos e aspectos por que a *dôr* se manifesta e que reveste no homem, quer sob o ponto de vista fisico quer sob o moral, abre esse seu admiravel livro com o seguinte periodo, confirmativo da opinião de Schopenhauer já atrás exposta sobre a *dôr*:

«E' esta por tal modo inerente ao omem, que bem difficil é encontrar alguma outra cousa tam intimamente ligada a todos os phenomenos da vida individual e a todos os problemas sociaes», e entre os diversos capitulos que constituem a obra um inscreve subordinado á epigrafe «Dôres sensuaes promiscuas com o prazer», em que friza o facto bem e jeralmente averiguado, de a dôr se injerir e como que aguar nos e os prazeres mais intensos do omem ⁽¹⁾.

Sendo tal a dôr, como fica mui ao de leve rastreado, e impendendo constante e ininterruptamente sobre o omem, estreitando-o e junjindo-o entre suas descarnadas e osseas mãos, com efemeris intervalos de prazer, que maior e mais doloroso inferno se poderá futurar para a humanidade do que o dêste mundo?

(1) Não será fóra de proposito transcrever para aqui os titulos de todos os capitulos da *Fisiolojia da dôr*. São os seguintes: «Fisiolojia jeral» — Fisiolojia de dôres especiaes» — «Dôres especificas dos sentidos» — «Dôres das eneiijas centrifugas vejetativas» — «Dôres sensuaes promiscuas com o prazer» — «Dôres do medo, da melancolia, do aborrecimento» — «Dôres intellectuaes» — «Dôres de ipocondria» — «Problemas praticos da dôr».



A oração e as lagrimas

Se a *dôr*, como escrevi em artigo precedente, a unica cousa, certa e constante, com que o omem pôde contar nesta vida, e representando para todos os tempos, e sob tal nome nos tempos modernos, o que a *fatalidade* representava e era para os antigos, e tendo sob esta denominação ou a de *destino*, o maior dos poderes, e tanto que nem o proprio Jupiter dêle era isento, não conheço, quanto a mim e para mim, senão dous unicos lenitivos, para essa nossa inseparavel companheira, quando e sempre que ela reveste a fórma e o aspecto moral, pois remedio, seguro e rapido, pouquissimas vezes o haverá para debelar e vencer o mal, e esses lenitivos são a *oração* e as *lagrimas*.

Estas naturaes, e felizmente irreprimiveis para o maior numero, e sendo como que uma valvula de salvação para os grandes apertos do coração, e para as grandes, as magnas atribulações do espirito, de modo a

que nem aquêles nem o cerebro estalem na medonha crise a que sujeitos.

A *oração*, não só para a alma dos crentes, mas ainda para a dos que mais blazonam de o não serem, que quando êles assombrados e feridos, e sobretudo se repentinamente, pelo raio, intuitiva e irresistivelmente voltam a sê-lo, ao menos no momento, que no enlevo e fervor com que nos enleia e prende, e benigna nos alheia de nós mesmos e de tudo que nos cerca, difunde por todo o nosso sêr um como que balsamo amolentador e dulcificador da mágoa que nos punje.

Propriedade e privilegio, na natureza inteira, tam só do omem, *oração* e *lagrimas* foram-lhe concedidas, visto a dôr ser adstri-ta e attributo inerente á natureza humana, como um beneficio a diminuil-a, a atenuar-a, quanto possivel, e indubitavel é, não havendo por certo ninguem que o não haja verificado de facto proprio, que *oração* e *lagrimas* valem mais só por si ao efeito desejado, do que todas as consolações que possam ser oferecidas ao atribulado.

E deixem falar os incredulos que nos dias de saude do corpo e do espirito, e sobretudo dêste, negam a Divindade, e a cada passo desafiam seus rigores e castigos, julgando-se alguns talvez, por vezes, a si proprios como fazendo parte, tal qual como Henri Heine em sua mocidade, intima e fundamente panteista, do proprio Deus; que

êsses, se não em exterioridades, no intimo de seu sêr, por sem duvida quando a desgraça e a dôr os salteia e amarfanha, comprimindo-os e esfacelando-os em suas garras, serão os primeiros a balbuciar o nome de um Sêr superior, e a invocar seu auxilio.

Rejistando aqui esta verdade emanante da fraqueza umana, que só bem se conhece e confessa tal, quando sob o imperio e jugo da dôr, não faço mais do que ir consoante o que os factos a cada momento occorrentes bem comprovam.

E não entro na apreciação, que por estranha hei ao intento que me move e traz a assinalar a *oração* e as *lagrimas* como o unico e só derivativo para as grandes dores e grandes transes que nos oprimem ou por que passamos, de que o Sêr a quem se invoque na ocasião em que êstes nos ferem e torturam, seja o Deus reconhecido por esta ou por aquella das tantas religiões que no mundo se contam, mas o que desejo assinalar e frizar, consoante a só verdade, é que em lances taes e quando no mundo que nos rodeia cousa alguma se nos depara ou oferece que possa, não consola -nos, mas minorar e adoçar as grandes torturas que soffremos, natural e irresistivelmente voltamos e levantamos os olhos a Sêr fóra da humanidade e superior a ela, a implorar-lhe misericordia e compaixão, se não, como devoção, em desespero de causa.

E isto, creio-o bem e firmemente, repito, sucederá com todos, ao menos nos primeiros momentos de acabrunhamento e empolgadura pela dôr ou perigo iminente, que a natureza humana a mesma em sua essência e fundo, como já o caracterizou Terencio no seu admiravel, tão presciente e justamente preconizado verso:

Homo sum et nihil humani a me alienum puto.

«Sou omem, e não tenho por estranho para mim cousa alguma do que respeita á humanidade».

As lagrimas, essas, são natural, salutar e benefica valvula de relaxação e distensão para os nervos tendidos e em risco de estalarem sob a pressão das dôres, e ninguém há que nelas não encontre lubrificação para as maiores compressões do coração e do cerebro, diminuidas e como diluidas, se não apagadas por não o poderem ser, em sua intensidade...

Abençoadas, pois, para os que sofrem — e assim para todos e por todos, a oração e as lagrimas!



A beleza feminina...

«*Tempus edax rerum*»

— O tempo destruidor
das cousas (1).

Nada existe que não experimente e sofra os efeitos roazes e destruidores do tempo. Tudo êle morde, tudo abocanha, tudo traga com sua insaciada voracidade. Sua acção é mais ou menos lenta, mas sempre decisiva e segura, e como para a realizar apenas necessita mais ou menos dias, e êstes jámais lhe mingnam, que seus são desde todo o tempo e para toda a eternidade, por certos tem seus triunfos.

¹ Camões parafraseou esta sentença latina nos seguintes versos da sua carta 2.^a:

A seu fim todas as coisas vão correndo;
Nem ha coisa, que o tempo não consuma,
Nem vida, que de si tanto presuma,
Que se não veja nada, em se vendo.

Para o aniquilamento de uns sêres, pessoas ou cousas, bastam-lhe instantes, minutos, oras, semanas, mezes ou anos; para o de outros são-lhe mister lustros, décadas, seculos. O resultado final, porém, é sempre o mesmo, e eistencia não há que lhe não acabe nas mãos exterminadoras.

Bem concretizado está este modo de ser de tudo o creado, na frase franceza: *tout lasse, tout casse, tout passe et tout se remplace* — «tudo cansa, tudo quebra, tudo passa e tudo se transforma e substitue». Os tres primeiros dêstes factores bem caracterizam e frizam a apontada acção destruidora do tempo em seus efeitos, mais ou menos rapidos, sobre todos os entes, e sua aniquilação final, sob a apparencia que temporariamente revestem; o ultimo consagra, simultaneamente, a eternidade da materia, jámais aniquilada em sua intima essencia, e a sua ininterrupta transformação, dando vida a uma nova pessoa ou cousa, brotada ou nascida, qual fenix, das cinzas da fenecida eistencia anterior.

Tout lasse — «tudo cansa, aborrece», e assim é que nada eiste mundial, por mais agradável e attraente e convidativo que seja, que não canse, não aborreça, pela diuturnidade de sua presença, de sua posse, de seu uso, o que bem definido no dito de D. João V ao seu capelão — «Se nem sempre galinha, nem sempre...»

Tout casse — «tudo quebra», que eisten-

cia não há, por bem construída, por melhor constituída que seja, que não esteja sujeita a fragmentar-se, e a que mais cedo ou mais tarde isso não suceda.

Tout passe—«tudo passa». E' a condenação ineisórável e inevitável da matéria, sob as incontáveis e diversíssimas modalidades que tem aparentado desde todo o sempre e para todo o sempre continuará a aparentar. E a isto está o fecho no *tout se remplace*—«tudo se substitue, tudo se transforma».

Fica dito atrás, e isso em consonância com a verdade das cousas que a todo o momento se póde verificar, que a acção do tempo é mais ou menos rápida em sua impressão sobre a matéria, dependendo os efeitos devastadores de sua incidência sobre ela, e medindo-se, da e pela maior ou menor resistência que o agregado de moléculas que a constituem lhe opõe. E sendo assim, igualmente succede que, pela maior parte das vezes irmanando-se nela a formosura com a delicadeza e fragilidade, é nos entes que simultaneamente se caracterizam por umas e outra, que o tempo mais rápida e crua e vorazmente actúa.

Em tal modo, bem para vêr que é sobre a mulher que êle mais «feroz e cavaleiro» se mostra, não a respeitando, apesar de ser apregoada como o remate e cuspide da criação, a obra mais perfeita saída das

mãos de Deus, e antes a tratando como se ela fôra o que a diz A. Dumas, Filho, em um dos seus paradoxos (¹).

Deslumbramento sempre, e muitas vezes jugo irresistível e invencível para os omens, sendo bem poucos os que dêle se podem haver por isentos, a beleza reveste, no dizer de Lope de Vega, nas mulheres «um encanto invencível e quer elas sejam espirituosas quer tolas, subjugador de nobres e de vilãos», mas se assim com não menos verdade dela escreveu Seneca: «A beleza passa rapidamente, e uma mulher de bom aviso não deve fiar-se em bem tam frágil».

Fragil, e bem fragil, bastando pela ordem natural das cousas bem poucos anos para a abalar e destruir, e muitas vezes desaparecendo como que dum dia para o outro.

Tudo o que aí fica escrito me foi de momento sugerido por caso que ontem me succedeu e que seguidamente exponho.

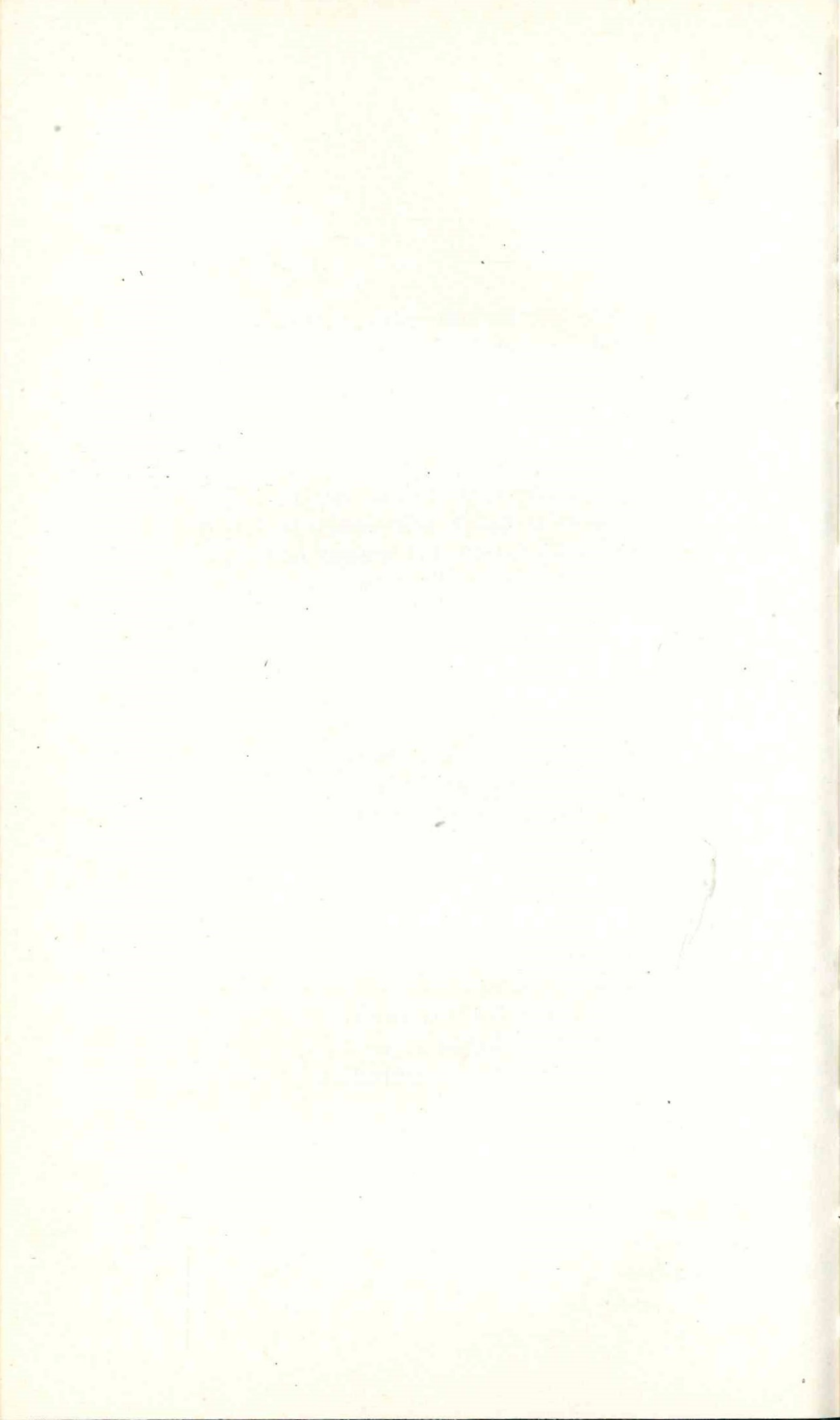
Há 22 anos, precisamente 22 anos, que conheci no Minho uma mulher formosíssima, não só pelo escultural de seu corpo, como ainda pela beleza e encantadora sua-

(¹) Dumas Filho escreveu sobre a criação da mulher: «Foi a ultima obra que Deus fez, e, como já estava cansado, foi a peor».

vidade e bondade que de seu rosto resumbrava e rescendia, e que em seu trato afebilissimo bem enleiantes se testemunhavam. Era ela então muito nova e em plena efflorescencia da vida, não tendo ainda atinjido os vinte anos. A êsse tempo mui de perto minha familia conviveu com a dela, na facilidade de relações e quasi intimidade a que abrem lugar e para que dão ensejo as estações balneares, em uma das quaes nos encontravamos. Houve troca de retratos, e desde então o da formosa senhora passou a destacar-se entre muitos de pessoas de familia e de pessoas amigas em minha sala de visitas. Aí o via eu, como bem natural, amiudadas vezes e de nenhuma delas deixava de me apparecer viva, em toda a sua galhardia e esplendida mocidade, a retratada, gravando-se-me cada vez mais e mais fundamente em minha reminiscencia sua imagem, como sendo uma daquelas a quem votára mais intenso culto de admiração em meu já longo peregrinar por êste vale de lagrimas e miserias.

Nunca mais a tornei a vêr, e conservou-se assim para mim sua imagem radiante e cativante como a conhecêra e amiudadamente a lembrára.

Ultimamente, porém, o acaso proporcionou-me occasião, não procurada, nem sequer suspeita de volver a vê-la e . . . que tristissimo desengano, e que dulcissima ilusão e acariciado enleio desaparecidos e para sempre sumidos! . . .



biblioteca
municipal
barcelos



48531

Aspectos da vida